



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD  
INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES – BHU

JOSÉ SANDINO CAVALCANTE ALENCAR GOMES

**O RACISMO E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS À SAÚDE PSÍQUICA E EMOCIONAL  
DAS PESSOAS NEGRAS, UMA LEITURA A PARTIR DE ISILDINHA NOGUEIRA,  
NEUSA SANTOS E FRANTZ FANON**

**REDENÇÃO/CE  
Julho de 2022**

JOSÉ SANDINO CAVALCANTE ALENCAR GOMES

O RACISMO E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS À SAÚDE PSÍQUICA E EMOCIONAL  
DAS PESSOAS NEGRAS, UMA LEITURA A PARTIR DE ISILDINHA NOGUEIRA,  
NEUSA SANTOS E FRANTZ FANON

Trabalho de conclusão de curso, apresentado em formato de projeto de pesquisa, ao Colegiado do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

**Orientador:** Prof. Dr. Francisco Vítor Macêdo Pereira

**REDENÇÃO/CE**

**Julho de 2022**

**AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Fonte Criadora que, em seus infinitos mistérios, me trouxe até aqui. Agradeço a toda minha Ancestralidade, que abriu os caminhos para eu caminhar por esse plano. Agradeço a toda Espiritualidade por me dar forças para continuar caminhando.

Agradeço aos meus pais Ivania Maria Cavalcante Alencar e Manoel Inácio do Nascimento, que sempre me apoiaram em todos os momentos da minha vida, nos desafios e alegrias e que principalmente me ensinaram, através do exemplo, as virtudes de amor, fraternidade, solidariedade, humildade, bondade, generosidade, compaixão, alegria, sabedoria, paciência, dedicação, entre muitas outras que levarei para a vida.

Agradeço ao meu Orientador Prof. Dr. Francisco Vítor Macêdo Pereira, por sua generosidade, apoio, orientações e incentivos, dados a mim na elaboração deste projeto. Agradeço também à UNILAB, ao seu corpo docente e à coordenação do curso, por proporcionar esses espaços dialógicos de construção de conhecimento que muito agregaram ao longo do meu percurso acadêmico.

**JOSÉ SANDINO CAVALCANTE ALENCAR GOMES**

**O RACISMO E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS À SAÚDE PSÍQUICA E EMOCIONAL  
DAS PESSOAS NEGRAS, UMA LEITURA A PARTIR DE ISILDINHA NOGUEIRA,  
NEUSA SANTOS E FRANTZ FANON**

**Projeto de Pesquisa apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do título de Bacharel em Humanidades, pela  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-  
brasileira-UNILAB.**

**Aprovado em: 26/07/2022**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Francisco Vítor Macêdo Pereira (Orientador)**

Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joalice Santos Conceição**

Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Matilde Ribeiro**

Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB

---

**Profa. Dra. Climene Laura de Camargo**

Universidade Federal da Bahia - UFBA

## RESUMO

Este projeto de pesquisa busca compreender as vulnerabilidades psicoemocionais das pessoas negras em decorrência do racismo em nossa sociedade. Partiremos das teorizações de psiquiatras, psicanalistas e autoras/es negras/os, como Frantz Fanon, Isildinha Nogueira e Neuza Santos que, a partir de um olhar negro, trazem importantes contribuições para o entendimento dos mecanismos e estruturas internas, simbólicas e subjetivas, associadas ao adoecimento psicoemocional da população negra. Tais índices de adoecimento devem ser percebidos como frutos de um longo processo de colonização e escravização, que se perpetua até os dias de hoje. Junto às teorizações dessas/es intelectuais, analisaremos os processos sócio-históricos da condição da pessoa negra em nossa sociedade, e como esses processos contribuíram para a construção de referenciais simbólicos, desejos e ideais autodestrutivos, violentamente introjetados na consciência e na subjetividade da maioria das pessoas negras. Espera-se, com esse trabalho, proporcionar (auto)reflexões, discussões e debates acerca do adoecimento psicoemocional da população negra, entendendo essa problemática como questão de saúde pública, além de contribuir para a desconstrução de ideais de branquitude, em favor de erigir novos referenciais simbólicos de humanidades para a/o negra/o. Ideais pautados politicamente na negritude e na afroperspectividade.

**Palavras-chave:** racismo; adoecimento psicoemocional; população negra; colonialismo e escravização.

## **ABSTRACT**

This research project seeks to understand the psycho-emotional vulnerabilities of black people as a result of anti-black racism in our society. We will start from the theories of black psychiatrists, psychoanalysts and authors, such as Frantz Fanon, Isildinha Nogueira and Neuza Santos, who, from a black perspective, bring important contributions to the understanding of the mechanisms and internal, symbolic and subjective structures associated with to the psycho-emotional illness of the black population. Such illness must be perceived as the result of a long process of colonization and enslavement, which continues to this day. Along with the theories of these intellectuals, we will analyze the socio-historical processes of the condition of the black person in our society, and how these processes contributed to the construction of symbolic references, desires and self-destructive ideals, violently introjected into the consciousness and subjectivity of most of the people. black people. It is hoped, with this work, to provide (self) reflections, discussions and debates about the psycho-emotional illness of the black population, understanding this problem as a public health issue, in addition to contributing to the deconstruction of ideals of whiteness, in favor of erecting new symbolic references of humanities for black people. Ideals politically based on blackness and afroperspectivity.

**Keywords:** racism; psychoemotional illness; black population; colonialism; enslavement.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>06</b>
<b>PROBLEMATIZAÇÃO/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>10</b>
<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>19</b>
<b>HIPÓTESES.....</b>	<b>20</b>
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>24</b>

## **O RACISMO E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS À SAÚDE PSÍQUICA E EMOCIONAL DAS PESSOAS NEGRAS, UMA LEITURA A PARTIR DE ISILDINHA NOGUEIRA, NEUSA SANTOS E FRANTZ FANON**

### **INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA**

O meu interesse em pesquisar o adoecimento psicoemocional das pessoas negras, em decorrência do racismo antinegro e do colonialismo, surge inicialmente a partir do meu próprio contexto de vida e de minhas experiências como pessoa negra: cotidianamente sujeita ao racismo e vivendo no interior do Ceará, mais precisamente no Assentamento Rural Barra do Leme, em Pentecoste, a cerca de 80 km da capital Fortaleza.

A conscientização sobre essa temática e a ressignificação das minhas memórias e experiências com o racismo só se dão, contudo, mediante a minha formação antirracista na UNILAB. Somente compreendendo o racismo como fator estruturante de praticamente todas as nossas relações e dinâmicas de produção social é que foram se tornando explícitos para mim os significados de diversas experiências de mal estar, estranhamento, negação e inadequação, as quais me atravessam desde a infância. Pude, de fato, constatar a incidência do racismo e os seus efeitos mesmo em minhas relações familiares, onde por diversas situações tive que enfrentar contextos de discriminação racial.

Somente como estudante/pesquisador, dimensionando a condição estruturante do racismo em todas as instituições, dinâmicas e expedientes da vida social (em todos os seus níveis), é que pude perceber que a minha diferença - quanto ao fato de ser negro/ de ser identificado como negro - deixou muitas feridas internas em meu ser. Com o tempo, essas feridas despertaram em mim a necessidade de compreendê-las melhor e, conseqüentemente, me entender um pouco mais.

Foi, portanto, na Unilab onde tive a oportunidade de ter contato com a temática do adoecimento psíquico e emocional advindo do racismo: através de leituras, críticas, formações e discussões (acerca do racismo anti-negro e dos seus mais diversos e profundos efeitos).

Isso me ajudou a entender a importância da construção e autoafirmação da minha identidade negra. Esse processo de construção de uma identidade negra se deu, e continua se dando, de forma gradual: possibilitando-me, aos poucos, ir entendendo o racismo como uma

das bases e condições estruturais para diversas questões e problemáticas de viés psíquico e social.

O racismo, contrariamente ao preconceito, é a expressão da violência, é um ato, não uma interdição que se coloca a priori, como forma de proteger seja lá o que for. Dentro desse universo de terror, mesmo que o negro acredite conscientemente que tais ameaças racistas não se cumprirão, o pavor não desaparece, porque ele traz no corpo o significado que incita e justifica, para o outro, a violência racista.

É justamente porque o racismo não se formula explicitamente, mas antes sobrevive num devir interminável, enquanto uma possibilidade virtual, que o terror de possíveis ataques (de qualquer natureza, desde física a psíquica) por parte dos brancos cria para o negro uma angústia que se fixa na realidade exterior e se impõe inexoravelmente (NOGUEIRA, 1998, p. 96)

Sobre essas questões se assenta a maioria de minhas dissensões internas. Refiro-me a sentimentos e sensações de inadequação, de exclusão, de insegurança, timidez e complexos de inferioridade os quais - só agora compreendo melhor - se dão em decorrência dos preconceitos e discriminações quanto à minha raça.

Convém explicitar que raça aqui é entendida como noção ideológica, engendrada como critério social para a distribuição de posição na estrutura de classes. Apesar de estar fundamentada em qualidades biológicas, principalmente a cor da pele, raça sempre foi definida no Brasil em termos de atributos compartilhados por um determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, um mesmo contingente de prestígio e mesma bagagem de valores culturais (SOUZA, 1983, p. 20).

Essas vivências/experiências de dor e negação me fizeram e ainda me fazem refletir, na tentativa de compreender melhor as dimensões do racismo e os seus desdobramentos subjetivos à saúde psíquica e emocional das pessoas negras em geral.

Diante desse complexo contexto pessoal e social, entendo que o autoconhecimento - proporcionado através das contribuições psicanalíticas, principalmente de autoras e autores negras e negros, juntamente com as discussões acerca do racismo e suas sequelas subjetivas à população negra - se faz imprescindível para o entendimento, tanto das mazelas das estruturas sociais, como também de nossas próprias questões psíquicas e emocionais. Afinal de contas, tais adoecimentos e traumas se dão, sim, como consequências do colonialismo, da escravização e do racismo anti-negro.

Isso justifica o fato de as discussões, abordagens e reflexões acerca do adoecimento subjetivo e das vulnerabilidades psicoemocionais a que a população negra está sujeita serem vistas como relevantes e muito necessárias no momento atual.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2018), em um levantamento de dados entre os anos 2012 e 2016, constatou-se que o risco de suicídio é, em média, 45% maior entre jovens e adolescentes negros/as do que entre brancos/as da mesma faixa etária.

A cada 10 suicídios entre jovens e adolescentes, 6 são de negros/as. Esse índice se torna ainda mais alarmante se levarmos em conta apenas os/as adolescentes negros/as (de 12 a 18 anos), entre os/as quais o risco de suicídio chega a ser 67% maior do que entre os/as brancos/as da mesma faixa etária.

Se levarmos em conta os números absolutos desses suicídios na população negra, cerca de 86% ocorrem com os jovens negros (do gênero masculino).

Para além das ideações suicidas, o racismo também ocasiona diversos outros adoecimentos, tanto em nível físico, quanto psíquico e emocional; a exemplo da depressão, da ansiedade, de diversas doenças psicossomáticas, além de uma maior propensão à droga dicção e ao abuso na ingestão de bebidas alcólicas.

Penso que trazer tais discussões para um meio acadêmico como o da UNILAB, uma instituição com um grande percentual de estudantes negras/os, é algo de fundamental importância. Na verdade, essa importância se estende tanto para as pessoas negras quanto para a sociedade em geral, inclusive para as pessoas brancas, visto que elas estão a exercer e a ocupar funções e posições de privilégios naturalizados e estruturais: os quais lhes preservam e protegem as vidas, muitas vezes em detrimento das vidas das pessoas negras.

Existe, assim, a necessidade de que o branco também se racialize em seus discursos e atuações sociais, visto que ele se coloca – ou é colocado – predominantemente no lugar do natural, do normal, do universal e legitimamente humano, enquanto que o outro, o negro, é o diferente, o estranho, o racializado.

A compreensão de nossas subjetividades e estruturas psíquicas, que também são frutos de preconceitos e construções sociais, é algo imprescindível para a ressignificação de percepções internas e externas as quais nos provocam inúmeros adoecimentos.

Penso que investigar e compreender as dinâmicas, manutenções e reproduções desses adoecimentos, ademais das estruturas racistas de nossa sociedade, seria um dos caminhos possíveis para a autocura psíquica do ser negro/a.

## PROBLEMATIZAÇÃO/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Historicamente, o/a negro/a no Brasil traz em si as marcas da ruptura identitária e cultural de suas raízes, consequência direta da colonização e da escravização. Para o processo de escravização das pessoas negras pelo branco ser possível e aceito, era necessário negar a humanidade dos/as africanos/as e de sua ancestralidade.

Estabeleceu-se então uma hierarquia racial, conforme a qual o branco europeu seria símbolo de humanidade e civilização, e as/os negras/os estariam designadas/os à selvageria, à barbárie e ao atraso civilizacional pré-lógico, como não portadores/as de uma alma nem de racionalidade, podendo ser subjugados/as e animalizados/as pelos brancos.

Negada a sua humanidade, através do processo de escravização pelos europeus, os/as africanos/as foram apartadas/os de suas culturas, de suas línguas, de suas religiosidades e de seus territórios. Tudo aquilo que significava símbolo de existência, vida e valor lhes foi retirado.

Suas raízes ancestrais foram severamente fragilizadas ou arrancadas, e eles/elas foram reduzidas/os à instância de mercadoria do senhorio branco: a quem se torna possível - de maneira vil - possuir, comercializar, explorar e humilhar à vontade (a qualquer preto/a e a sua descendência).

Sem subjetividade, sem valor humano, sem dignidade, sem um Deus que lhe valesse, sem cultura, sem razão e sem alma, apenas com relativo valor econômico, “o negro não era persona. Não era um cidadão nascido livre, como pessoa jurídica; na condição de escravo, não era pessoa; seu estatuto era o de objeto, não o de sujeito. Assim, o negro foi alijado do corpo social, única via possível para se tornar indivíduo” (NOGUEIRA, 1998, p. 34).

Mesmo depois do processo *abolicionista*, as/os negras/os permaneceram nesse *não-lugar*, sendo esse um dos fatores fundamentais ou elementos centrais da continuidade histórica de sua ruptura identitária. Nesse *não-lugar*, a pessoa negra não existe como ser humano perante o outro, no caso, o branco (cuja humanidade é a única considerada pela sociedade racista, eurocêntrica e colonizadora).

É a partir dessa condição material e simbólica do *não-lugar*, e da não existência como ser humano, que a pessoa negra doravante atuará historicamente no mundo. Assumindo como objetivo de vida a busca por ter a sua humanidade considerada e validada, a pessoa negra tem

sido frustrada, pelo menos ao longo dos últimos cinco séculos, pelas falsas e reiteradas promessas de equiparação com a branquitude.

Em nossa sociedade branca racista, fruto de uma violenta colonização, o sujeito - enquanto humano - só pode ser reconhecido e validado pela branquitude eurocêntrica, pois são dela os valores sociais, culturais, religiosos, políticos, econômicos e científicos:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida (FANON, 2008, p. 180).

A partir desse conflito neurótico e narcísico de espelhamento na branquitude, o/a negro/a (na condição de outridade, de verso, diverso e avesso *da cara branca da humanidade*, como sombra escura da branquitude universal e sempiterna do ideal humano) negará tudo o que lhe remeta à *sua condição de negro*: como a sua cultura, a sua ancestralidade, a sua espiritualidade, a sua cor, o seu cabelo e os seus saberes inferiorizados.

Arroja-se, assim, à busca incessante por pertencimento e inquietante reconhecimento de sua humanidade, invariavelmente secundada dentro dos referenciais simbólicos e materiais da brancura. Com isso, a/o negra/o passa a ser aculturada/o e alienada/o de sua própria identidade.

A fim de entendermos esse processo de aculturação e alienação identitária, a psiquiatra e psicanalista Neuza Santos (1983) nos traz abordagens e conceitos freudianos, que nos ajudam a compreender a dimensão desses mecanismos de negação, culpa e recalque do/a negro/a diante da branquitude.

Ela se refere inicialmente ao conceito de *ego ideal*, sendo este uma instância imaginária, mais ou menos inconsciente, que se vale de estratégias e táticas compensatórias, a fim de que tenhamos nossas originais necessidades narcísicas mínima ou medianamente atendidas: como, por exemplo, nos sentirmos importantes, pertencentes, reconhecidas/os, acolhidas/os, amadas/os, prestigiadas/os e valorizadas/os por aqueles/as a quem atribuímos nossos ideais de existência e humanidade.

Nessa instância imaginária, o *ego ideal* nos induziria à criação e utilização de *máscaras* sociais, a fim de que obtenhamos reconhecimento, e de que essa necessidade narcísica original seja atendida. Outro conceito complementar abordado é o *ideal de ego*, que seria uma instância simbólica, determinante dos modos como devemos nos comportar, como devemos ser, para que tenhamos essas necessidades narcísicas originais atendidas.

Portanto, nosso *ideal de ego* determinará nossos valores, nossa moral e nossa ética. O *ideal de ego* condiciona, assim, o *ego ideal*, determinando quais *estratégias* e *máscaras* devem ser convenientemente adotadas para termos as nossas necessidades narcísicas atendidas. O *ideal de ego* é condicionado, pois, pela cultura em que estamos internadas/os e por seu *superego*.

Dessa forma, em uma sociedade estrutural e culturalmente racista como a nossa, o nosso *ideal de ego* é branco, haja vista que as regras éticas e os referenciais axiológicos básicos de dita sociedade são precipuamente racistas.

O nosso referencial simbólico de pertencimento, valorização, sucesso, amor, simpatia e conquista será invariavelmente pautado pela branquitude: “Por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco” (FANON, 2008, p. 28).

Nisso consistem a alienação identitária e a neurose narcísica da pessoa negra diante de um aparente eterno conflito entre o *ego ideal* e o *ideal de ego*. Para o ser humano, esse conflito é estruturalmente importante e necessário, e lhe é apresentado como um desafio. Nós estamos todas/os sempre à procura de atingir esse *ideal de ego*, por mais inalcançável que ele pareça ser.

No entanto, quanto mais próximo estiver o *ego ideal* do *ideal de ego* - no sentido de que o que somos, como nos portamos ou nos expomos para a sociedade se aproximar dos valores, das crenças morais, éticas, sociais e culturais prevalentemente convencionados - mais nos sentiremos aceitas/os, realizadas/os, triunfantes e vitoriosas/os, além de pertencentes e seguras/os quanto aos coletivos com os quais nos identificamos e dos quais nos sentimos parte.

Ao contrário disso, quanto mais longe estiverem essas instâncias uma da outra (o *ego ideal* do *ideal de ego*), ou seja, quanto maior for a distância entre aquilo que somos, como nos

portamos, o que expomos para a sociedade e aquilo que a sociedade nos exige e nos determina que devemos ser, maiores e mais drásticos serão os nossos sentimentos de frustração, complexos de culpa e inferioridade, além da depressão, ansiedade, recalque entre outros sintomas de adoecimento psíquico.

Sendo a nossa sociedade estrutural, institucional, funcional, cultural e sistematicamente racista e antinegra, a distância entre essas duas instâncias - o *ego ideal* e o *ideal de ego* - se mostra, de modo geral, bem maior para a população negra do que para as pessoas brancas, haja vista a proximidade de seus corpos e de suas presenças com a clareza dos ideais ocidentais de realização e valorização do ego.

Dessa forma, o/a negro/a precisará indefinidamente lançar mão de todas as estratégias a ele/ela possíveis para alcançar esse *ideal de ego*, até mesmo assumir uma *máscara branca* (FANON, 2008), se valendo de táticas quase sempre inconscientemente autodestrutivas e previamente frustradas para atingir tal objetivo.

De antemão, ele/ela precisará negar tudo o que - de alguma forma - o/a remeta à sua condição de negro/a (significada pela colonização eurocêntrica como descendência de povos escravizados, colonizados e escuramente inferiores ao ideal do branco); e isso, de maneira mais violenta e direta, tem a ver com a desaprovação e a negação de seu corpo, de sua pele e de seus cabelos.

Concomitantemente a isso, ele/ela agirá de acordo com os ideais do colonizador branco, já automatizados em seu inconsciente, pois desde muito cedo a pessoa negra já sabe, mesmo que inconscientemente, que o *branco* equivale ao símbolo e ao status de civilização, beleza e humanidade.

A pessoa negra acredita então que, para alcançar essa humanidade, para ser vista como *gente*, precisará se embranquecer o máximo que puder: “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará *da sua selva*. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será” (FANON, 2008, p. 34, *grifos nossos*).

Diante desse contexto, além da pessoa negra rejeitar a sua negrura, ela terá também uma profunda aversão a tudo o que a remeta às suas raízes e ao seu passado histórico: que, para ela, é símbolo de apagamento, derrota, angústia, pena, dor, castigo, sofrimento e omissão.

Consequentemente, a base de suas reflexões e projeções sobre si mesma será a aversão e a (re)afirmação neurótica de ideais egodistônicos.

Essa não aceitação de si, de sua descendência, de sua história e ancestralidade, advém do que nos foi socialmente ensinado e condicionado na conta do *ser negro/a*, a exemplo dos processos de escolarização e religiosidade cristã, por meio dos quais nos foi repassado que nós, negras/os, somos *descendentes de escravos/as*, que somos amaldiçoados/as descendentes de Cam (ou do Cão mesmo), anulando, com isso, toda a história de todos os povos negros que existiram antes da escravização e da colonização.

Isso se dá, portanto, como se a nossa descendência e Ancestralidade surgissem obliteradas, a partir de um tempo histórico escravagista, de escura dor e sofrimento insuperáveis. Esse contexto nos nega toda a história de nossa Ancestralidade africana, que não era apenas de dor e sofrimento, muito menos de humilhação e escravidão, mas de muita sabedoria, dignidade, riqueza, filosofia, ciência, tecnologia e Espiritualidade.

Infelizmente, contudo, nos reduziram historicamente à condição de sucessivos alvos de genocídios coloniais, de injustiças cognitivas e epistemicídios racistas: “o negro, no seu processo de tentar se constituir como indivíduo social, desenvolveu um horror em se identificar com seus iguais, pois estes representam, para ele, o retorno de um sentido insuportável” (NOGUEIRA, 1998, p. 37).

Isso tudo se materializa como se a pessoa negra tivesse de viver a sua vida inteira com esta angustiante fratura identitária e narcísica, a qual sintomaticamente se manifestará em redobrados esforços de senões e mascaramentos brancos à sua negrura.

Como estratégia de compensação ao *defeito* de ser negro/a, ele/a terá de obrigatoriamente potencializar todas as performances e capacidades de assimilação à brancura: “Não é incomum o sentimento que nós, negros, experimentamos de nunca sermos suficientemente bons nas relações ou funções sociais por nós assumidas: não basta sermos bons, temos que ser os melhores e exemplares” (NOGUEIRA, 1998, p. 78).

Busca-se, com isso, de maneira desesperada e inútil, um encaixe aos ideais brancos, ao mesmo tempo em que jamais seremos aceitas/os como brancos/as. A pessoa negra estará, assim, ininterruptamente imersa em conflitos internos e externos.

Internamente estará em uma negação permanente de si, de seu corpo, de sua cor e de todas as suas características negroides (anuláveis todas as vezes que equiparáveis às imagens e representações caucasianas).

Externamente, ela estará condenada a buscar a aprovação social da branquitude, valendo-se de desprendimentos e contínuos desgastes de energia para a sustentação de suas *máscaras brancas* (FANON, 2008).

Trata-se, portanto, da busca por alcançar um ideal irreal: que nunca será alcançado, pois ser branco/a, para a pessoa preta, já lhe é de antemão algo impossível: “(...) ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do seu corpo negro” (NOGUEIRA, 1998, p. 86).

Diante disso, assumir uma identidade negra é, para a pessoa negra, algo muito além de apenas ter ou mesmo reconhecer as suas características físicas afrodescendentes: “É que, no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide, e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra (SOUZA, 1983, p. 77)”.

De fato, a construção identitária e social das pessoas e dos coletivos negros exige um processo de contínuas, profundas e efetivas mudanças de ideais, envolvendo dolorosamente a desconstrução sistemática de ideais, crenças, imagens e valores de afeto, repulsa e negação acerca da branquitude (a qual lhes foi racista e colonialmente introjetada).

Isso implica na construção consciente de outros ideais reais, os quais reconheçam a sua humanidade, assegurando-lhe dignidade, pertencimento, autoestima, respeito e valor. Ideais construídos de forma política e psicologicamente consciente, e que estejam para além dos valores de nossa sociedade racista (colonizada e brancocêntrica).

Ideais pautados na negritude, na humanidade negra e que ressignifiquem, de maneira verossímil e afroperspectivada, todos os símbolos, valores e crenças racistas de privilégios e supremacismos brancos.

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona em uma imagem alienada na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse

dessa consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 1983, p. 77).

O reconhecimento de uma identidade negra requer, assim, devires e processos de autoconhecimento, que envolvam a desconstrução de todos os ideais de branquira acima citados, e remanescentes - quase sempre de maneira inconsciente - nos modos e comportamentos de vida das pessoas negras (tendo sido socialmente impressos e historicamente herdados).

Esses processos são, quase sempre, muito dolorosos e desafiadores para o/a sujeito/a negro/a, pois implicam em acessar e reconhecer memórias, traumas, rupturas, violências inúmeras, sentimentos de negação, tendo de cuidá-los, curá-los e ressignificá-los profundamente, já que a maioria imensa das pessoas negras não teve, até hoje, as mais mínimas condições ou possibilidades de (re)elaborá-los de forma adequada.

Não se trata apenas do/a negro/a obter (re)conhecimento histórico, social e intelectual crítico sobre o racismo, o colonialismo, suas estruturas, explorações e amarras sociais, além dos impactos de discriminação e violência disso decorrentes em sua vida cotidiana.

Afinal de contas, por mais consciência política, histórica e social que a/o negra/o tenha acerca dos mecanismos e efeitos do racismo e suas estruturas, isso não impede, por si só, que essa/e sujeita/o negra/o sinta as dores emocionais e os sintomas dos traumas psicológicos advindos das múltiplas experiências de racismo: “Na situação atual, o negro pode ser consciente de sua condição, das implicações histórico-políticas do racismo, mas isso não impede que ele seja afetado pelas marcas que a realidade sociocultural do racismo deixaram inscritas em sua psique” (NOGUEIRA, 1998, p. 16).

Tais traumas e angústias advindas do racismo certamente causam inúmeros danos psíquicos e emocionais à/ao sujeita/o negra/o. A psicóloga Isildinha Nogueira (NOGUEIRA, 1998) nos traz, a esse respeito, o questionamento sobre os efeitos dessas feridas, advindas do racismo, indagando-nos até que ponto elas interferem na constituição da pessoa negra como sujeita psíquica e social.

Diante desse contexto, a psicóloga e pesquisadora igualmente questiona em que medida a afirmação da condição negra, na luta contra o racismo, não seria atravessada por sentidos e sentimentos não elaborados, ocultos e inconscientes, como consequências dessas feridas.

Vejamus que, para a psicanálise, somos estruturadas/os em três instâncias: o *consciente*, o *subconsciente* e o *inconsciente*. Partindo desse entendimento, o campo do *inconsciente* escapa à nossa *consciência*, à nossa identificação operacional e relacional mais imediata com o mundo empírico, das coisas e dos fenômenos.

Dessa forma, os processos históricos, experiências e memórias - que não foram suficiente ou adequadamente elaborados - são armazenados em nosso *inconsciente* como mecanismos de defesa, chamados assim de *recalques*. Sobre tais mecanismos não podemos exercer nenhum tipo eficaz de controle, sem antes trazê-los à tona de nossa percepção e torná-los conscientes.

E é esse fenômeno que faz com que os conteúdos inconscientes ligados ao racismo persistam, independentemente da realidade social e política. Ou seja, mesmo que, no campo social, político e jurídico o racismo esteja excluído, tal exclusão opera no plano da consciência dos indivíduos que, enquanto tal, não pode, por si só, determinar o campo do inconsciente (NOGUEIRA, 1998, p. 47).

Diante disso, é muito importante entender os efeitos profundos e os impactos dos processos psíquicos de negação, anulação e adoecimento da pessoa negra, a sua natureza, as suas consequências nefastas sobre o ego e os seus sentidos de exclusão mantidos ante a persistência do racismo e dos ideais de representação da supremacia branca.

Precisamos entender como o racismo segue diretamente agindo nesses processos de identificação, construção identitária e constituição das subjetividades negras, a despeito de todas as críticas antirracistas e da efetivação das diversas políticas afirmativas e de promoção da igualdade étnico-racial: as quais são inestimavelmente importantes, mas insuficientes para a superação das inumeráveis feridas narcísicas, as quais só a/o sujeita/o negra/o pode curar (mediante a projeção de novas representações e valores a respeito de si e de sua humanidade).

## OBJETIVOS

A presente proposta de pesquisa compreende que essas perspectivas, estudos, filosofias, diagnósticos e conceitos - que se propõem a entender o ser humano e as suas complexidades psíquicas e sociais diante do racismo anti-negro - foram analisados e elaborados a partir de uma cultura e uma mentalidade de enfrentamento aos efeitos da colonização e da escravização.

Ainda assim, por si só, eles não assumem o condão de, na atualidade, dar conta de todas as diversas subjetividades e de suas experiências em meio aos complexos de violência, negação e desumanização (advindos dos efeitos e dos dispositivos originários dessa escravização e dessa colonização). Ante a consciência disso, anunciamos para a nossa proposta os seguintes objetivos:

### Objetivo Geral

- Compreender o racismo como fator desencadeante de adoecimentos psíquicos e emocionais das pessoas negras em sociedades racialmente estruturadas.

### Objetivos Específicos

- Compreender, a partir das leituras de Frantz Fanon (2008), Isildinha Nogueira (1998) e Neuza Souza Santos (1983), os mecanismos de adoecimentos psíquicos e emocionais decorrentes do racismo anti-negro;
- Analisar as concepções de *ego ideal*, *ideal de ego*, *superego*, *desejo* (projeção) e *recalque* para além das dissintonias dos ideais de humanidade das pessoas negras diante do racismo anti-negro;
- Oferecer subsídios à superação dos adoecimentos psíquicos em decorrência do racismo estrutural.

## HIPÓTESES

Diante da sinopse histórica desse quadro de colonização e racismo em nossa sociedade - que, como vimos, envolve inúmeras sequelas, dentre elas, adoecimentos físicos, psíquicos, emocionais, além de um elevado índice de suicídios, droga dição, depressão, ansiedade, entre muitas outras doenças e sintomas que assolam a população negra -, partimos do pressuposto de que os traumas e adoecimentos ocasionados pelo racismo anti-negro, apesar de invisibilizados e não tratados com o devido cuidado nem pela medicina, nem pelo poder público, nem pela sociedade em geral, são os aspectos mais cruéis, recorrentes e desumanos das injustiças, desigualdades e assimetrias de raça.

Tenha-se em mente que os ideais de branquitude impostos pela colonização ocidental aprisionam o ser negro/a em um labirinto de memórias e sentidos mal elaborados, que o/a alienam dolorosamente de seu próprio corpo, de sua Ancestralidade e de suas identidades.

Os angustiantes ideais brancos de humanidade, junto às alienações identitárias e às memórias traumáticas e fantasmagóricas da história, escravizam o/a negro/a ao sequestro de seus corpos, à negação de si mesmos/as (em dissintonia com seus egos) e exilam as suas possibilidades existenciais a *não-lugares* (de valores e experiências irrealis) até os dias de hoje.

Diante desses mecanismos psíquicos e emocionais de anulação e autodestruição, o/a negro/a se vê inepto/a a assumir qualquer ideal ou referencial de existência, percebendo-se como ser humano sem referenciais de equivalência à branquitude.

Desde então, libertados do cativeiro, mas jamais libertos da condição de escravos de um estigma, os negros têm sofrido toda sorte de discriminação, que tem como base a ideia de serem seres inferiores, portanto não merecedores de possibilidades sociais iguais (NOGUEIRA, 1998, p. 15).

A programação racista do não merecimento de possibilidades em condições sociais de igualdade para as pessoas negras lhes arroja à introjeção dos ideais de beleza, inteligência, virtude e liberdade da branquitude: em complexos que, de maneira violenta e profunda, acrisolam a sua psique, condicionando a/o negra/o invariavelmente à subalternidade, à passividade ou à raiva diante dos contextos sociais em que ele/a se encontra.

Torna-se então necessária a compreensão desses adoecimentos da população preta como questão de saúde pública, no sentido de tornar viável um debate amplo, que olhe para tais

violências e seus complexos - que são estruturais e estruturantes de nossas formações psíquicas, subjetivas e sociais - com o devido cuidado que ela (essa questão) merece.

A nossa hipótese é a de que, talvez assim, possamos criar caminhos e soluções para a superação e a desconstrução de todas as estruturas e capturas sociais racistas: que deixam as suas marcas de segregação e violência em múltiplas dimensões, tanto nas pessoas negras quanto na sociedade como um todo.

A desconstrução dessas estruturas consistiria fundamentalmente em compreender as causas e os efeitos do racismo na constituição psíquica das consciências e subjetividades das pessoas negras, ao mesmo tempo desentronizando os ideais da branquitude - introjetados em nós pela cultura colonizadora eurocêntrica.

Almeja-se, em substituição a isso, erigir identidades e referenciais negros positivos, que reconheçam e valorizem a nossa humanidade, que sejam politicamente pautados na negritude, assegurando-nos parâmetros e afetos afrorreferenciados: de dignidade, respeito, valor, liberdade e pertencimento negros.

Faz-se necessário, para tanto, perante a totalidade de nossa realidade, a mobilização de um amplo senso crítico antirracista, na ressignificação completa de nossos desejos e ideais: a fim de se tornarem negramente possíveis e conscientes devires mais felizes, em traços cheios e escuros de uma humanidade afroperspectivada.

Partimos, nesse mesmo sentido, do pressuposto de que as políticas de cotas raciais (em busca da equilibrção dos percentuais de acesso da população negra às instituições acadêmicas e aos diversos setores de produção e controle da vida social) se mostram muito importantes para a promoção da justiça material em critérios de igualdade étnico-racial.

A consistente ascensão socioeconômica de pessoas negras é o que efetivamente nos possibilitará, no que toca às assinaturas sociais de raça, novos referenciais simbólicos positivos, diferentes dos que seguem sendo dados e reproduzidos pela branquitude hegemônica.

Além do acesso da população negra às instituições acadêmicas e a outros setores de prestígio da sociedade, é preciso que igualmente se confira o acesso a discursos, informações e debates acerca das sequelas subjetivas e dos adoecimentos psicoemocionais advindos do

racismo anti-negro, assim como também a criação de redes de apoio e fortalecimento, na promoção do acolhimento dessas demandas específicas da população negra.

Entendemos, enfim, que o processo dos adoecimentos psíquicos e emocionais que acometem a população negra está intrinsecamente ligado aos efeitos da colonização (ainda em curso em suas bases de produção material e simbólica). Acreditamos, por isso, não ser possível uma cura real e efetiva da população negra sem uma descolonização de nossas mentes.

Assim, em favor da continuidade e da persistência da autocura das pessoas negras, fazem-se igualmente necessárias a promoção e a disseminação de novas epistemologias: de tradução e releitura das injustiças éticas, políticas e cognitivas anti-negras, as quais nos proporcionem a aproximação e a apropriação de nossas filosofias, práticas e raízes de saberes, de nossas cosmopercepções e espiritualidades africanas e ameríndias.

O propósito é o de que possamos autonomamente nos relacionar conosco, com as diferenças, com a realidade à nossa volta, com a sociedade e com o mundo, para além de qualquer visão colonialista, privilegiada e racista de mundo e humanidade.

Para uma real mudança da condição da pessoa negra em nossa sociedade, Isildinha Nogueira (NOGUEIRA, 1998, p. 16) nos faz considerar que, mesmo que a pessoa negra tenha consciência de sua subalternidade e mesmo que ela esteja engajada em lutas políticas contra a discriminação racial, isso não será por si só suficiente para modificar as bases de injustiças e desumanizações do racismo, se os sentidos e compreensões a respeito disso ainda permanecerem colonizados em sua psique.

Diante disso, estabelecemos em síntese, como hipótese para a nossa pesquisa, que o racismo estrutural, engendrado historicamente na sociedade brasileira, impacta diretamente na saúde psíquica e emocional da população negra.

## **METODOLOGIA**

Conceber-se-ão como procedimentos metodológicos a análise teórica e a revisão bibliográfica (GIL, 2002) de cientistas e intelectuais negras/os que trazem a discussão sobre o racismo como fator de adoecimento psíquico das pessoas e das populações negras. Para a presente proposta de investigação, serão especificamente contempladas as autoras Isildinha Nogueira (1998), Neusa Santos (1983) e Frantz Fanon (2008).

**REFERÊNCIAS:**

BRASIL. Ministério da Saúde. Universidade de Brasília. Óbito por suicídio entre adolescentes e jovens negros, 2012 a 2016. Brasília-DF, 2018. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos\\_suicidio\\_adolescentes\\_negros\\_2012\\_2016.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf). Acesso em: 27 mai. 2022.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GIL, Antonio Carlos et al. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do Corpo Negro**. 1998. Tese (Doutorado). 147f. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se Negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Segunda Edição. Editora Graal. Rio de Janeiro, 1983